

O SISMÓGRAFO DOS MERCADOS



Temor de um impacto profundo do desastre japonês na economia aumenta o grau de instabilidade nos mercados financeiros — e paradoxalmente fortalece o iene

LUÍS GUILHERME BARRUCHO

O ano se iniciou com a impressão de que a crise havia finalmente sido superada, e as bolsas retomaram os patamares pré-recessão. O gráfico acima, que exhibe a variação em pontos do índice Dow Jones, da Bolsa de Nova York, mostra que, em janeiro, foram mais frequentes os pregões em que as ações terminaram o dia em alta. A situação se reverteu a partir de 28 de janeiro. Os levantes dos rebeldes árabes instilaram uma nova onda de incertezas. Os investidores agora lidam com um novo foco de atenção, causado pelo desastre no Japão. O custo estimado da destruição deverá chegar a 200 bilhões de dólares, um valor acima das perdas com o furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005, e também superior ao que foi gasto com o terremoto na cidade japonesa de Kobe, em 1995, até então o desastre natural mais caro da história. O risco de uma catástrofe nuclear



3/3/2011
Bons números da economia americana elevaram o Dow Jones

161

59

MARÇO

-138

-228

-242



15/3/2011
A terceira explosão no complexo de Fukushima deixou o mercado japonês em pânico. O índice Nikkei caiu 10,55%

16/3/2011
O conflito no Barein e o acidente nuclear japonês realimentaram o nervosismo

eleva ainda mais o grau de insegurança a respeito de qual será a extensão do impacto econômico da tragédia.

Uma em cada dez fábricas japonesas está parada, resultado da queda no fornecimento de energia elétrica e do colapso logístico. Ferrovias e portos inteiros permanecerão meses fora de operação. Os efeitos não se restringem ao Japão. O país é um dos principais produtores de componentes tecnológicos. Por falta de peças, uma unidade da General Motors nos Estados Unidos paralisou suas atividades temporariamente, e fabricantes da Zona Franca de Manaus também sentem o problema. A ameaça de contaminação radioativa levou multinacionais a fechar, temporariamente, os seus escritórios no Japão. Prédios comerciais inteiros de Tóquio ficaram vazios. É ao sabor dessas notícias, paralelamente aos conflitos incessantes no Oriente Médio, que os investidores buscam antecipar reações e lançam suas apostas. Na teoria financeira, risco é sinônimo de volatilidade, expressa nas oscilações abruptas no preço das ações.

O aspecto mais paradoxal na reação dos mercados foi verificado na cotação do iene. Desde o terremoto, a moeda japonesa passou a se valorizar rapidamente, alcançando a maior cotação da história na comparação com o dólar. O movimento seguiu uma trajetória atípica. Moedas de países com perspectiva de crescimento baixo tendem a se enfraquecer. Por que com o iene foi diferente? Primeiro, porque os japoneses possuem vastas aplicações ao redor do mundo. A necessidade de recursos fará com que eles resgatem parte desses capitais. Afirma Luiz Carlos Prado, professor de economia da UFRJ: "Com o repatriamento de ativos, mais dólares entram na economia, o que tende a valorizar o iene". Houve ainda um ingrediente especulativo. A valorização do iene reduz os ganhos dos investidores que tomaram dinheiro emprestado no Japão, a juros baixíssimos, para investir nos Estados Unidos e até mesmo no Brasil, onde a rentabilidade é maior.

PARADOXO DO CÂMBIO

Desafiando a gravidade cambial, que prevê queda diante de desastres como o japonês, o iene se apreciou fortemente nos últimos dias. A moeda alcançou a maior cotação histórica na comparação com o dólar



Para conter suas perdas, esses especuladores precisam comprar ienes e cobrir suas posições.

O episódio lembrou os dias que se seguiram ao terremoto de Kobe, quando a repatriação de recursos e a alta do iene contribuíram para desencadear a crise de 1997 nos países do Sudeste Asiático. Antes que algo do tipo ocorresse agora, os países mais ricos do mundo (G7) decidiram efetuar uma intervenção coordenada nos mercados. Essa ação conjunta somou-se a outra feita pelo banco central japonês, que, desde a eclosão da tragédia, já injetou 37 trilhões de ienes, ou 470 bilhões de dólares, na economia do país. ■

COM REPORTAGEM DE ÉRICO OYAMA